

Crenças angelológicas no Cristianismo primitivo: reflexões à luz do livro I Enoque

*Através de I Enoque
resgatamos crenças do
cristianismo primitivo,
bem como do judaísmo,
como por exemplo:
As duas quedas angelicais,
os anjos que foram
aprimonados em correntes,
a decida de Jesus ao hades,
o bode solto a Azazel
(prática judaica antiga),
a raça de seres híbridos
chamados Nephilins,
a origens de espíritos
maus, a origem
da feitiçaria,
da astronomia, etc...*

**Filipe de Oliveira
Guimarães**

*Doutorando em Ciências
da Religião pela UIMESP,
São Paulo (Brasil)*

Introdução

O presente artigo aborda a temática angelical de uma maneira franca, aberta e direta, sempre na direção de entender o pensamento teológico no Cristianismo em seus primórdios. Naquele contexto, além do Canon Judaico, eles utilizavam outros escritos como o Livro de I Enoque para nortear sua epistemologia.

Uma breve leitura de I Enoque revela ao leitor sua ênfase angelológica, ao mesmo tempo conduzindo-o a mergulhar em um cenário no mínimo curioso. É algo parecido como ir ao zoológico ver leões, elefantes e pássaros, mas ao chegar lá também se encontrassem dinossauros, tiranossauros e pteranodontes. Literalmente mergulhamos em um cenário atípico em relação ao que entendemos de existência na atualidade.

Tecnicamente falando, este trabalho é fruto de uma pesquisa exploratória e bibliográfica e teve como objetivo geral: *compreensões de crenças angelológicas do cristianismo primitivo*. Desejamos oferecer uma contribuição para o entendimento de crenças angelicais cristãs, sobretudo aquelas pertencentes ao Cristianismo Primitivo. Utilizamos o livro de I Enoque, precisamente o Livro dos Vigilantes, no intuito de fornecer mais luz ao estudo bíblico.

A pesquisa busca oferecer respostas, principalmente, para os seguintes questionamentos: Por que Judas e Pedro citam o livro de I Enoque? Como o Livro

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

de I Enoque era tratado pelos primeiros judeus e cristãos? Qual a influência que este livro exerceu na formação do pensamento judaico-cristão? Qual a visão angelológica dos primeiros cristãos?

Contextualizando o livro de I Enoque

Livro de caráter profético-histórico-escatológico, sendo um dos mais antigos exemplares da literatura judaica, capaz de refletir em suas diferentes partes as convicções e anseios dos judeus e cristãos, I Enoque pode, seguramente, servir para a compreensão da atmosfera religiosa das primeiras comunidades cristãs. Ele não era um livro de curiosidades, mas servia para fins devocionais, cosmogônicos e futurísticos.

A Bíblia registra quatro personagens que possuem o nome Enoque. O primeiro refere-se ao filho mais velho de Caim (Gn 4.17), o segundo ao filho de Jerede (Gn 5.18), o terceiro ao filho de Midian (Gn 25.4) e a quarta referência é ao filho mais velho de Ruben (Gn 46.9). Todos eles são primeiramente mencionados no livro de Gênesis.

O livro de I Enoque tem como personagem principal o segundo Enoque mencionado na Bíblia: o filho de Jerede. Sobre ele é dito que andou com Deus e não experimentou a morte, sendo trasladado (os únicos personagens mencionados na Bíblia que passaram por esta experiência foram Enoque e Elias). Também é apresentado no Novo Testamento como um profeta (Jd 14).

Collins (2010. P.75) afirma que Enoque provavelmente foi escrito entre os séculos I e II a.C. O livro foi originalmente escrito em hebraico (capítulos 1-5 e 37-108) e aramaico (cap. 6-36). O texto original perdeu-se como é comum em escritos daquela época. Porém, existem traduções diversas como a grega, etíope, latina, alemã, inglesa e portuguesa.

O livro de I Enoque foi preservado totalmente na versão etíope e possui aproximadamente 49 manuscritos. O interesse na publicação da obra iniciou-se no séc XIX e a primeira edição do texto etíope foi realizada por R. Laurence em 1839. Em seguida, surge uma edição crítica realizada em 1851 por A. Dillmann e na sequência, 1902, outra edição crítica surge fruto do trabalho de J. T. Milik. Em 1906 R. H. Charles apresentou a sua versão do livro de I Enoque, e, em 1978, Michael Knibb lança uma edição etíope, valendo-se de textos aramaicos editados por J. T. Milk. (TERRA, 2010, p.8)

Também há textos em grego. A versão grega está presente em 4 textos: 1) Codex Panopolitanus – descoberto em 1886 em Panópolis (Egito); 2) Codex Vaticanus, achado em 1809 e publicado por Card A. Mai em 1844; 3) Fragmentos conservados na Chronography de G. Syncellus; 4) Papiro Cherter Beatty-Michigan, um códice do séc IV.

Em aramaico, há apenas fragmentos encontrados entre os textos das cavernas de Qumran, próximo ao Mar Morto. A datação destes apontam para o terceiro século a.C., levando-nos a concluir que o Livro dos Vigilantes já circulava em língua aramaica, pelo menos, desde aquela época. Nos anos de 1970, J. T. Milik editou os fragmentos aramaicos encontrado em Qumran. Para ele as mais antigas partes (ou livros) presentes em I Enoque (Livro dos Vigilantes e Livro Astronômico) são do período pré-macabaico. (REED, 2005, p. 3).

Para a Manuscritologia atual, I Enoque enquadra-se na categoria de pseudo-epígrafos (termo cunhado pelos estudiosos ocidentais). James H. Charles Worth usou cinco critérios para classificar os pseudo-epígrafos: o livro tem que ser, pelo menos parcialmente mas preferencialmente em totalidade, judeu, ou judeu-cristão; deve ser datado entre 200 a.C e 200 d.C; precisa alegar ser inspirado; tem de relacionar-se ao Antigo Testamento na forma ou no conteúdo; deve ser atribuído a um personagem do Antigo Testamento. (DOCKERY, 2001, p.570)

O período que vai do início do segundo século a.C. até o fim do segundo d.C. é considerado o período áureo da apocalíptica nos círculos judaicos. Isto tem base nas diversas obras e trechos apocalípticos escritos naquela época, a maioria extrabíblico. Vários desses trechos foram vinculados a grupos separatistas como, por exemplo, a comunidade de Qumran, famosa, principalmente, pelos manuscritos do Mar Morto. (DOCKERY, 2001, p.834)

Para Dockery (2001, p.834), em linhas gerais, pode-se afirmar que a apocalíptica floresceu em épocas de dominação estrangeira principiada com o exílio babilônio. Ele defende que a Era dos Macabeus e da perseguição aos cristãos pelo Império Romano serviram de contexto histórico semelhante. Logo após a segunda revolta judaica contra Roma em 135 d.C., a apocalíptica entra em declínio e acaba desaparecendo depois do quarto século.

Apesar de possuírem diferenças significativas, há várias características literárias comuns aos textos apocalípticos. Também verifica-se um certo padrão, relativamente uniforme, no que tange ao pensamento teológico. Uma das principais características é que todas as obras apocalípticas afirmam serem escritas por personagens bíblicos importantes. Outra característica é que estes textos são repletos de visões e simbolismos. É comum encontrarmos revelações, sonhos, visões, previsões do futuro, narrativa ou interpretações de anjos. Os escritores apocalípticos, escrevendo sobre o futuro, não se referiram ao mesmo de uma maneira vaga, mas o descreveram dentro de um contexto teológico, apontando para a vinda do Messias, que iria irromper na história e libertar o seu povo da opressão vivida neste mundo, concedendo-lhes justiça e felicidade eterna.

É comum encontrar a descrição de cenas dualísticas: Deus contra Satanás, céu e inferno, justos e ímpios, anjos e demônios. Outras fortes marcas presentes na apocalíptica são: descrições de guerras espirituais, ênfase no caráter soberano, justo e amoroso de Deus sobre a história, incentivo a uma vida consagrada, exortação à perseverança na fidelidade a Deus frente a grandes desafios e a apresentação do tempo do fim como uma época de muito sofrimento. Deterministicamente, pode-se perceber que a história caminha para o triunfo final de Deus. (DOCKERY, 2001, p.835)

É justamente por possuir estas características que I Enoque situa-se na categoria de literatura apocalíptica. Como foi anteriormente descrito, ele possui elementos como símbolos, visões, expectativa messiânica, julgamento e recompensas divinas. Uma breve leitura de alguns de seus capítulos, já revela seu teor. Nele encontramos cenas proféticas referentes ao fim, a inauguração de uma nova ordem celeste em que tudo se fará novo, e a promessa de paz após Deus exercer seu juízo.

Salientamos que I Enoque não é um único livro, mas uma coletânea de 5 livros intitulados: Livro dos Vigilantes (1-36), Similitudes (37-71), Livro Astronômico (72-82), Livro dos Sonhos (83-90) e Epístola de Enoque (91-108). Dentro da Epístola de

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Enoque também existe o Apocalipse das Semanas (91:11-17; 93:1-10) que é tratado como uma seção independente.

O escrito possui uma íntima ligação com o livro de Gênesis - especialmente conectado à narrativa de Gênesis 6:1-4. Tal relação leva-nos à seguinte pergunta: Quem surgiu primeiro? Ou, quem se apóia em quem? Este debate não é novo. Existem teóricos que defendem que I Enoque é de autoria mais antiga, enquanto outros apontam Gênesis como livro mais antigo.

Para Milik (1970, p. 31), o livro de I Enoque é mais antigo que o texto bíblico. Nos anos de 90, Sacchi (1990, p. 178) esclareceu que Gênesis 6:1-4 é um simples sumário de uma obra maior. A longa história é encontrada em I Enoque 6-11. Em 1993, P. R. Davies, também seguiu o mesmo caminho, afirmando que o texto de Gênesis pressupõe o conhecimento de I Enoque. (KVANVIG, 2003, p. 278)

A outra posição, que afirma ser Gênesis mais antigo que I Enoque, parte do pressuposto que a narrativa de Gênesis é a porta de entrada para a formulação da história de I Enoque. Alexandre (1972, p. 60) disse que o texto de I Enoque 6-11 é um elaborado midrax (um desenvolvimento sofisticado) de Gênesis 6:1-4.

Segundo Kvanving (2004, p. 180), em um artigo mais recente, esta relação não é tão simplificada como propõe a maioria dos pesquisadores modernos quando afirmam ser Gênesis mais antigo que I Enoque. Para ele, tanto Gênesis como Enoque referem-se a uma tradição ainda mais antiga do que eles, anterior ao que nós conhecemos. Ou seja, para Kvanving, nem Gênesis depende de I Enoque nem I Enoque de Gênesis, ambos se apóiam em outra fonte.

É relevante dizer que há divergências no que tange à origem das crenças descritas em I Enoque, principalmente as presentes no Livro dos Vigilantes. Estas divergências promovem o seguinte questionamento: Será que as crenças presentes no Livro dos Vigilantes são fruto da Era Apocalíptica ou o que aconteceu naquele momento foi um reavivamento de crenças antigas - dado as circunstâncias históricas do momento - despertando o interesse de escribas e comunidades pela tradição enoquiana?

Conquanto este seja um debate interessante, a questão principal não é quem é anterior a quem, mas se Gênesis e I Enoque fazem uso de uma tradição oral judaica, que pode ser tão antiga quanto o judaísmo. Ao que tudo indica, esta é a situação, posto que o enredo de I Enoque, mais precisamente o presente no Livro dos Vigilantes, encaixa-se perfeitamente com alguns livros veterotestamentários, levando-nos a supor que ambos fazem uso da mesma tradição. Cito como exemplo a figura de Azazel que aparece em Levítico 16 (posteriormente iremos abordar com mais detalhes este assunto), como que caindo de paraquedas no texto, o que leva-nos a supor que os leitores de Levítico já conheciam a tradição relacionada à figura de Azazel, o que dispensava explicação a seu respeito.

Não se sabe ao certo o significado do nome Enoque. Algumas idéias são: treinado, iniciado, consagrado e mestre. Segundo uma tradição judaica, foi Enoque o iniciador de ciências como a escrita, aritmética e astronomia.

O presente trabalho concentrou-se no Livro dos Vigilantes que é o escrito de I Enoque com mais pontos de contato com o texto bíblico. Acreditando ser a forma mais didática de se estudar o escrito, Vanderkam (1984) dividiu o Livro dos Vigilantes em os cinco partes, a saber:

- 1 - 5: Uma apreensão escatológica;
- 6 - 11: História sobre a descida dos anjos e pecado;
- 12 - 16: Enoque e a petição dos Vigilantes;
- 17 - 19: Primeira jornada de Enoque;
- 20 - 36: Segunda jornada de Enoque.

Até o século IV d.C. era comum entre os cristãos a leitura do livro de I Enoque. Ele foi amplamente utilizado pelos Pais da Igreja, além de ser citado em diversos escritos judaicos anteriores a era cristã. Porém, após os Concílios de Éfeso e Cartago, que culminaram com a escolha dos livros que deveriam normatizar a fé cristã, este escrito começou a cair no esquecimento. O principal defensor da idéia de que o livro de Enoque não tinha importância foi o bispo Agostinho no século V.

Esta literatura nos revela um pouco da epistemologia dos apóstolos, como por exemplo, Judas (meio-irmão de Jesus) que cita tal escrito, bem como nos proporciona mais conhecimento sobre os primórdios do cristianismo, uma vez que, neste momento histórico, tinha-se abertura para lidar com outros escritos do judaísmo, sem achar que se estava bebendo de algo impuro aos olhos de Deus, podemos pensar que o escrito traz idéias que eram aceitas pelo próprio Cristo, que convivia com este escrito e nunca o censurou, pelo contrário, observamos que seus discípulos citavam Enoque sem sentimento de culpa e ao que tudo indica existem elementos nos evangelhos que apontam para o conteúdo de I Enoque.

I Enoque contém episódios que narram visões, comunicação com seres angelicais, viagens ao além, fala da identidade de anjos, narra a crise dos mesmos despertada por sua lascívia, sua reunião com a finalidade de abrirem mão do seu estado original para se relacionarem com as mulheres, conhecimentos espirituais que são transmitidos pelos anjos às suas mulheres, o nascimento de uma nova raça fruto da relação anjos-humanos, raça esta de gigantes denominada Nephilins, bem como da ira de Deus que culmina com a punição da raça humana através de um dilúvio e de outras formas de juízo para criaturas celestes.

O livro trás a nossa memória a mitologia grega que fala sobre deuses que se relacionavam com mortais gerando semi-deuses, só que no livro de Enoque, os «semi-deuses» são aberrações que afrontam o Criador provocando sua ira. Na verdade poderemos ir mais além e pensar a conexão do enredo com os sumérios posto que escritos de argila sumerianos falam de seres vindos do céu, ou mesmo com narrativas egípcias que dizem que até a quarta geração eram os deuses quem geravam filhos nos humanos, como também textos indianos que discorrem sobre a invasão de outros seres a este mundo. Para Flávio Josefo os deuses dos gregos são os mesmos de Gênesis. Uma outra narrativa que lembra o enredo de I Enoque é história da suposta civilização de Atlântida que foi destruída por um dilúvio por causa da desobediência aos deuses.

Os judeus atribuíam o conteúdo do livro a Enoque um dos ancestrais de Noé. A Bíblia menciona Enoque em Gênesis 5.18-24:

Jarede viveu cento e sessenta e dois anos e gerou a Enoque. Depois que gerou a Enoque, viveu Jarede oitocentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Jarede foram novecentos e sessenta e dois anos; e morreu. Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus;

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si.

Outra citação ao nome de Enoque pode ser encontrada no livro de I Crônicas, capítulo 1:1-4, referindo-se aos primeiros descendentes de Adão: «Adão, Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jerede, Enoque, Metusalém, Lameque, Noé, Sem, Cam e Jafé.» É possível identificar que Enoque aparece como ancestral de Jesus no evangelho de Lucas capítulo terceiro versículo trinta e sete: «Lameque, filho de Metusalém, Metusalém, filho de Enoque, Enoque, filho de Jerede, este, filho de Maalalel, filho de Cainã.»

O escritor do livro bíblico de Hebreus também faz menção ao personagem Enoque no capítulo 11.5: «Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.»

Sempre que os escritores bíblicos fazem menção a Enoque o fazem de uma maneira positiva. Como um homem que agradou a Deus e teve uma relação profunda com Ele. Segundo o texto bíblico Enoque é fruto da linhagem de Sete, filho de Adão e Eva, que assumiu o lugar de Abel morto por seu irmão mais velho Caim. Ele era filho de Jerede e pai de Metusalém homem que, segundo o relato bíblico, viveu mais anos sobre a face da terra.

Enoque é apresentado como um homem notável por causa da sua intimidade com Yahveh, viveu cerca de 365 anos e «andou com Deus», o que significa que levou uma vida justa, a serviço de Yahveh, não experimentando a morte, sendo trasladado, ou removido da terra para a presença de Deus

Este livro é chamado de I Enoque devido a existência de outros dois livros. Eles são conhecidos como Segundo Enoque e Terceiro Enoque, ambos considerados de importância inferior. Apesar de não fazer parte do canon judaico nem do canon cristão é sabido que I Enoque está inserido em uma das mais antigas versões bíblicas: a copta (versão que era usada pelos etíopes). Outro fato interessante está no uso que alguns pais da igreja faziam do mesmo, quando desejavam alertar os fieis sobre o perigo da desobediência a Yahveh. (FRANCISCO, 2003, p. 76).

***E**noque: uma proposta hermenêutica
para compreensão de textos bíblicos*

A narrativa do Livro dos Vigilantes apresenta os filhos dos céus como sendo anjos. Tal proposta também pode ser deduzida na Bíblia no relato de Gn 6.2: “vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.” Na modernidade, a maioria dos teólogos afirmam que os filhos de Deus é uma referência aos descendentes de Sete, a linhagem que Deus teria escolhido a fim de gerar o povo judeu, a nação eleita. Então, quando se caminha por esta interpretação, a idéia que se estabelece é que o povo de Deus (descendentes de Sete) desobedeceu sua ordem ao se contaminar com outros povos.

Porém, esta compreensão está mais distante da realidade proposta no texto bí-

blico. A própria Bíblia apresenta os filhos de Deus como sendo uma referência a anjos e não a homens. No livro de Jó 1:6 encontramos um relato referente aos anjos que se apresentam diante de Deus, como quem vai prestar relatórios ou receber ordens d'Ele. O texto diz: «Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.» Outra referência se encontra em Jó 2:1: «Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o SENHOR.»

Ainda no livro de Jó encontramos um diálogo entre Deus e Jó. Neste diálogo o personagem Jó é questionado sobre sua origem quando Deus estava fundando a Terra e os anjos cantavam. O episódio se encontra no capítulo 38:4-7:

Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?

Através dos próprios textos bíblicos podemos chegar a conclusão que o termo «filho de Deus» ou «filhos dos céus» também pode ser uma referência direta a anjos. Assim, em se tratando de Gn 6:2, a crença era que anjos escolheram, dentre as filhas dos homens, esposas para si, abdicando de seu estado original. É importante perceber, no texto de Enoque, que o interesse dos anjos pelas filhas dos homens não se restringia a questões sexuais, eles desejaram compor uma família e selar o matrimônio com filhos. «Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos.» (Enoque 6:2)

O principal responsável em incitar a rebelião angelical foi um sentinelado chamado Samyaza, que a princípio temeu tomar esta decisão sozinho. «Eu temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento» (1 Enoque 6:3). A narrativa também mostra a consciência que os anjos possuíam sobre o assunto. Samyaza diz: «e que só eu sofrerei por tão grave crime.» Eles tinham consciência que tal atitude iria causar-lhes sofrimento e que, também, era um grande erro, mas, mesmo diante da consciência, estavam dispostos a lidar com as conseqüências.

Após terem firmado o pacto, «mútuo juramento», vão a diante em seu empreendimento e tomam mulheres, as que acharam mais belas dentre todas. O texto de Enoque diz que foram cerca de 200 anjos e 18 «prefeitos» (os chefes principais). A narrativa aponta para o lugar do pacto como sendo o monte Hermom. Talvez seja por causa desta crença que este monte esteja bem presente na mentalidade judaica.

Se por um lado a beleza das mulheres encantaram estes anjos, por outro eles foram responsáveis em ensinar feitiçaria para as mulheres. «Ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores» (I Enoque 6:10). Segundo I Enoque, os vigilantes foram responsáveis em disseminar conhecimentos e práticas que deveriam ser oculta aos humanos.

O resultado da relação «anjo-humana» foi a geração de uma raça híbrida de gigantes (nephilins). O relato de Gn 6 nos dá a idéia de que mesmo antes da queda dos anjos (entenda-se queda como perda da qualidade original) já existiam gigantes na terra. Porém, os gigantes fruto desta nova relação eram seres mui valentes: «Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus pos-

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

suíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.» (Gn 6:4)

Um dos anjos que recebe destaque no livro de 1 Enoque é Azazel, um dos chefes dos vigilantes. À ele é atribuída a responsabilidade de ensinar a arte de fabricar armas de guerra e utensílios para embelezamento, além da violência que foi ampliada a fornicação aumentou no planeta Terra.

Azazel ensinou os homens a fazerem espadas, facas, escudos, couraças, espelhos e a manufatura de braceletes e ornamentos, o uso de pinturas, o embelezamento das sobrancelhas, o uso de todo tipo selecionado de pedras valiosas, e toda sorte de corantes, para que o mundo fosse alterado. A impiedade foi aumentada, a fornicação multiplicada; e eles transgrediram e corromperam todos os seus caminhos. (1 Enoque 7:1-2)

O capítulo 7 ainda nos apresenta uma lista de outros anjos e as práticas que eles foram responsáveis em introduzir entre os humanos: «Amazarak ensinou todos os sortilégios, e divisores de raízes: Armers ensinou a solução de sortilégios; Barkayal ensinou os observadores das estrelas, Akibeel ensinou sinais; Tamiel ensinou astronomia; e Asaradel ensinou o movimento da lua» (1 Enoque 7:3-8). O resultado foi «que as almas daqueles que estão mortos clamam e queixam-se até ao portão do céu.» (1 Enoque 8:10,11)

O personagem Enoque é apresentado no texto como um homem que foi chamado por Deus para anunciar profeticamente a sentença contra vigilantes. Ao que parece, a própria idéia de Deus chamar um homem para exortar aqueles que um dia foram anjos cheio de glória, já carrega em si uma conotação de humilhação para os Sentinelas.

E o Senhor me disse: Enoque, escreba da retidão, vai e dize às Sentinelas dos céus que desertaram o alto céu e seu santo e eterno estado, os quais foram contaminados com mulheres. E fizeram como os filhos dos homens fazem, tomando para si esposas, e os quais têm sido grandemente corrompidos na terra; Que na terra eles nunca obterão paz e remissão de pecados. (1 Enoque 12:5-7)

Enoque primeiramente pronuncia uma sentença contra Azazel e em seguida a todos os outros Vigilantes:

Enoque partiu e disse a Azazel: Não mais terá paz em ti. Uma grande sentença há contra ti. Ele te amarrará; Socorro, misericórdia e súplica não estarão contigo por causa da opressão que tens ensinado; E por causa de todo ato de blasfêmia, tirania e pecado que tens descoberto aos filhos dos homens. Então partindo dele, falei a eles todos juntos; E eles todos ficaram apavorados, e tremeram. (1 Enoque 13:1-5)

Outro texto que narra a prisão dos Sentinelas é 1 Enoque 9:15:

O Senhor disse a Miguel: Vai e anuncia seus próprios crimes a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarrados por setenta gerações debaixo da terra.

No Novo Testamento, encontramos passagens que referem-se a espíritos em prisão. Os textos encontram-se nas cartas escritas por Pedro e narram a punição dada aos Sentinelas e a descida de Jesus ao tártaro para pregar aos espíritos em prisão. Ao que tudo indica são passagens que fazem conexão com o livro dos Vigilantes. O texto de II Pe 2: 4-5 diz:

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios.

O fragmento nos mostra a conhecimento que Pedro tinha sobre o pecado de anjos e sua punição em forma de aprisionamento. Pedro diz ter sido no inferno (tártaro) que eles foram aprisionados. Esta palavra só ocorre esta vez no texto bíblico e é a mesma palavra que aparece no texto de I Enoque 20:2. O que revela que Pedro está resgatando a narrativa do livro de I Enoque que fala que os vigilantes foram amarrados «debaixo da terra», antes que um dilúvio viesse sobre ela.

No texto de I Pe 3:18-20 encontramos o discurso de Pedro sobre a descida de Jesus ao tártaro:

Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água.

Pedro, mais uma vez, está fazendo alusão aos vigilantes que foram aprisionados em trevas e, portanto, estariam sem contato com nada, como relata I Enoque. Mas qual o porquê da descida de Jesus a este lugar para pregar? Certamente que Pedro não estava se referindo a um tipo de pregação para salvação, consolo ou edificação dos vigilantes, ao ato de testificar sua vitória. A idéia que Pedro está querendo passar é que à todas as criaturas foi anunciada a vitória de Jesus. Às que estão no céu testemunharam, às que estão na Terra testemunharam e também às aprisionadas em trevas. Em todos os níveis foi anunciado o triunfo de Jesus.

Quando fazemos a leitura do texto de Gn 6:5-7, um questionamento natural que surge da leitura é: por que Moisés não falou da destruição dos gigantes no relato? Fala-se da destruição do homem, do animal, dos répteis, das aves do céus, mas não se fala nada da destruição de gigantes maus que estavam cometendo perversidades na Terra. O texto diz:

Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. Disse o SENHOR: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito. (Gn 6:5-7)

FILIFE DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Em nenhum momento encontramos referência a destruição do mundo por causa de Nephilins. A resposta é que o dilúvio não era para destruir os gigantes, uma vez que eles já estavam destruídos. Ou seja, o juízo de Deus já tinha vindo sobre eles. No texto de 1 Enoque encontramos referências que falam da destruição dos Nephilins e por ela podemos concluir que eles iriam perecer através de uma guerra «nephiliana». Em 1 Enoque 12:4-5, está escrito: «De agora em diante, nunca ascendereis ao céu; Ele o disse que na terra Ele vos amarrará, tanto tempo quanto o mundo existir. Mas antes destas coisas tu verás a destruição dos vossos bem-amados filhos (os nephilins); não os possuireis, mas eles cairão diante de vós pela espada» (parênteses).

1 Enoque diz que Deus também envia Gabriel para destruir os filhos dos Sentinelas. Ele é responsável em fazê-los guerrear uns contra os outros. A morte dos filhos dos sentinelas, que causaria dor paterna aos Vigilantes, fora decretada como sentença do Criador para punir os pecados dos Sentinelas. (grifos do autor)

A seguir o Senhor disse a Gabriel: Vai aos maus, aos réprobos, aos filhos da fornicção; e destrói os filhos da fornicção, a descendência das Sentinelas de entre os homens; traga-os e excita-os uns contra os outros. Faça-os perecer por mútua matança; pois o prolongamento de dias não será deles. Eles rogarão a ti, mas seus pais não obterão seus desejos com respeito a eles; pois eles esperaram por vida eterna. (1 Enoque 9:13-14)

Pode-se deduzir o mesmo em relação ao fato de Gêneses 6 não ter relatado o dilúvio como juízo divino para punir os Sentinelas, posto que a sentença também fora diferente, ou seja, eles iriam presenciar a morte dos seus filhos (os nephilins) o que se deu antes do dilúvio, na guerra «nephiliana», e, em seguida, seriam aprisionados de baixo da Terra. Miguel foi o responsável em transmitir a sentença a Samyaza e aos seus companheiros:

Depois o Senhor falou a Miguel: Vai e anuncia o castigo a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da terra, mesmo até o dia do julgamento, e da consumação, até o julgamento, cujo efeito que dura para sempre, seja completado. Então eles serão levados para as mais baixas profundezas do fogo em tormentos; lá eles serão encerrados em confinamento para sempre. (1 Enoque 9:15-17)

Considerações finais

Iniciamos esta pesquisa com algumas questões como: Por que Judas e Pedro citam o livro de Enoque? Como este livro era tratado pelos primeiros cristãos? Como os judeus enxergavam Enoque? Qual a influência que este livro exerceu na formação do imaginário judaico-cristão? Qual a visão cosmogônica dos primeiros cristãos? A resposta é uma só: o livro de I Enoque era uma das chaves principais para os judeus e cristãos da era primitiva fundamentarem sua cosmogonia.

Através de I Enoque resgatamos crenças do cristianismo primitivo, bem como do judaísmo, como por exemplo: As duas quedas angelicais, os anjos que foram apri-

sionados em correntes, a decida de Jesus ao hades, o bode solto a Azazel (prática judaica antiga), a raça de seres híbridos chamados Nephilins, a origens de espíritos maus, a origem da feitiçaria, da astronomia, etc...

Chegamos ao final deste artigo convictos da importância do escrito para o aprofundamento da hermenêutica Bíblica. Sem o uso deste escrito várias lacunas ficam abertas no estudo bíblico e respostas superficiais são produzidas. O livro fornece bases mais concretas para o entendimento da cosmogonia judaico-cristã primitiva, além de aprofundar o entendimento de uma temática não tão explorada pela teologia na atualidade que é a angelologia.

Referências

- ANDRADE, Claudio, *Judas*, Rio de Janeiro: CPAD, 2.^a ed., 2002.
- ALEXANDRE, P. S., *The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6*, in *Journal of Jewish Studies* 23, 1972.
- DOCKERY, David S., *Manual Bíblico*, São Paulo, Vida Nova, 2001.
- FRANCISCO, Edson de Faria, *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético*, SP: Edições Vida Nova, 2003.
- KVANVIG, H. S., *Gen 6,3 and the watcher story*, in *Henoch* 25, 2003.
- KVANVIG, H. S., *The Watcher Story and Genesis an Intertextual Reading*, in *Scandinavian Journal of the Old Testament* 18, 2004.
- MILIK, J. T., *The books of Enoch. Aramaic Fragments of Qumran Cave 4*, Oxford, Clarendon Press, 1970.
- REED, Annette Yoshiko, *Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity. The Reception of Enochic Literature*, New York, Cambridge University Press, 2005.
- TERRA, Kenner Roger Cazorro, *De guardiões a demônios. A história do imaginário do Pneuma Akatharton e sua relação com o mito dos vigilantes*, 2010, 144 p., Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.
- VANDERKAM, James C., *Enoch and the Growth of an apocalyptic Tradition*, CBQMS 16, Washington, DC: CBA, 1984.
- J. J. COLLINS, *Jewish Wisdom in the Hellenistic Age* (Edinburgh: T. Clark, 1998).
- CHARLES, R. H., *The Ethiopic Version of the Book of Enoch* (Anecdota Oxoniensia, Semitic Series xi, Oxford, 1906.